

Sonhámos um país

Camilo de Sousa e Isabel Noronha. 2019. Documentário. 70 min. Português.



Debate com o poeta e jornalista **Luís Carlos Patraquim** e com a investigadora do Centro de Estudos Sociais (CES/UC) e consultora histórica do filme **Maria Paula Meneses**.

© MIDAS FILMES

Sinopse

No início dos anos 70, Camilo de Sousa saiu de Lourenço Marques, Moçambique, deu a volta pela Europa e juntou-se aos guerrilheiros da Frelimo. Primeiro na base de treino de Nachingwea e depois na luta de libertação nacional. Tinha na altura vinte anos. Hoje, a viver em Portugal, regressa a Moçambique para reencontrar dois camaradas de armas, que conheceu na guerrilha e com quem depois partilhou a direcção do partido em Cabo Delgado, até descer de novo à agora Maputo e integrar o novel Instituto de Cinema, tornando-se realizador. Com Aleixo Caindi e Julião Papalo ele rememora tempos antigos, quando a alegria da libertação deu lugar aos tempos sombrios em que a procura do 'homem novo' veio destruir os sonhos e as ilusões de um país.

Ficha Técnica

Realização: Camilo de Sousa
Isabel Noronha

Consultor histórico: Maria Paula Meneses

Imagem: Lara de Sousa
Ricardo Borges
Isabel Noronha

Som: Malhatine Matusse

Equipa de Produção: Daniele Gallo
Malhatine Matusse

Montagem: Orlando Mesquita
Juliano Castro

Montagem na finalização: Patrícia Saramago

Montagem de som: Hugo Leitão

Música original: João Costa
João Lima

Correcção de cor: Jennifer Mendes

Grafismos: Irma Lucia VFX

Laboratório: Loudness Films

Produtor: Pedro Borges

Produção: Sofia Tonicher

Texto de introdução para "Sonhámos um país"

Moçambique é uma letra, um desenho no mapa, a sul do continente africano, em Ipsilon. Um litoral extenso que o Índico namora. Um tronco de terra viva que vai da Ponta do Ouro, a Sul, até ao Rovuma, o rio do norte e do tempo. Por esse rio passavam os guerrilheiros. Isso foi durante a Luta Armada de Libertação Nacional. Tacteiem com os dedos a memória antiga, tragam-na para o presente. Sintam a rugosidade sinuosa das linhas da fronteira interior, da África do Sul à Suazilândia, do Zimbabwe à Zâmbia e à Tanzânia. Mais as ilhas que o olham do mar. Da que lhe deu o nome. Omuhípití, a Ilha onde Vasco da Gama aportou à espera da monção e de quem sabia levá-lo a Calicut, ao arquipélago das Quirimbas, a norte, na província de Cabo Delgado. A lenda, o registo histórico, refere um sultão: Mussá al M'biki. Camões, grafará n'Os Lusíadas o aportuguesamento da palavra.

Muḥyiddīn Ibn Arab, o poeta e místico e filósofo sufi é que afirmou que a vida é uma letra. A nós coube-nos um Ipsilon. Tacteiem com os dedos da imaginação, com a evidência dos mapas e as vicissitudes da História, essa vida com as duas hastes da letra encimando o território. A nordeste, a pose inclinada onde fica a província de Tete e onde corre o grande rio Zambeze. No litoral, em Cabo Delegado, a haste em riste, depois do planalto maconde que desce para o mar.

Temos datas. A criação da Frelimo, Frente de Libertação de Moçambique, em 1962. A luta armada contra o colonialismo português iniciada a 25 de Setembro de 1964. A Independência, proclamada por Samora Machel a 25 de Junho de 1975, no estádio da Machava, na então Lourenço Marques.

É da natureza da letra guardar um abismo. Não o da orografia, do Malawi que se adentra e separa as províncias de Tete e do Niassa. Mas o abismo que tem nas escarpas a redenção dos homens. Que é por onde se sobe quando a noite cai.

Porque Moçambique sempre teve homens, mulheres e homens, mesmo quando foram escravizados, mesmo depois da chamada pacificação, com a derrota de N'Gungunhane em Chaimite, na província de Gaza. Foi em 1895. O último império autóctone do interior da terra e a ocupação efectiva da colónia começou, entre dezenas de revoltas, a última das quais no Barué, em 1920. Deixemos a Zambézia, no centro-norte, os seus prazos, as donas, os enfiteutas, a singularidade de um tecido humano plural, contraditório, com repúblicas revoltosas afrontando a Coroa portuguesa. As grandes companhias majestáticas sob a lua, a vaga, onde se projectava a noite grávida dos punhais. Estas são as palavras de todos.

Porque fomos cidadãos de um país que ainda não existia, mesmo quando o magaiça que trabalhava nas minas vinha embrulhado em ridículo, porque eram os nossos poetas que o diziam, porque a letra, o seu espírito e o muntu e as casas de madeira e zinco e os espíritos, que povoam a noite iluminada e presidem ao destino dos homens, eram livres, porque a fome pedia e o trabalho forçado obrigava a cataná-lo. Porque a pele tinha a leveza dos pássaros e os pirilampos emitiam sinais, os misteriosos, os decisivos.

E subimos as escarpas do abismo. Éramos, somos, mulheres e homens. Por isso assumimos a insurreição popular generalizada: trabalhadores das minas, dos campos e das plantações, operários, artistas e intelectuais.

Se a letra em ípsilon parece obrigar a uma fatalidade, nós falamos e contamos porque queremos subir pelas escarpas. Porque voámos palmilhando os trilhos do mato, porque viemos de muitos lugares e línguas e modos de ser e de estar. Porque também caímos. Porque agora somos os que protagonizaram a luta e precisamos de contar. Somos uma pequena parte de um corpo transfigurado, ferido onde foi, também por nós, que éramos novos na vontade e descurámos as cobras.

Este filme é a história da nossa reinvenção e do nosso desencontro. É que será de reinvenção outra vez porque precisamos de verdade.

Não somos o homem novo. Somos mulheres e homens.

E não estamos cansados.

Luís Carlos Patraquim